

SEVEN

EDITORIA
2026

CONSTÂNCIA

ter e ser

*Constância Rodrigues
Tavares de Souza*

EDITORIA CHEFE

Prof^o Me. Isabele de Souza Carvalho

EDITOR EXECUTIVO

Nathan Albano Valente

AUTOR DO LIVRO

Constância Rodrigues Tavares de Souza

2026 by Seven Editora

Copyright © Seven Editora

PRODUÇÃO EDITORIAL

Seven Publicações Ltda

Copyright do Texto © 2026 Os Autores

Copyright da Edição © 2026 Seven Editora

EDIÇÃO DE ARTE

Evellyn Thais de Souza

EDIÇÃO DE TEXTO

Stephanie Caroline Meyer de Quadros

REVISÃO DE TEXTO

Brenda Moreira Angelo

BIBLIOTECÁRIA

Bruna Heller

IMAGENS DE CAPA

Evellyn Thais de Souza

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Seven Publicações Ltda. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Seven Publicações Ltda é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação.

Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.



O conteúdo deste Livro foi enviado pelos autores para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

S729c

Tavares, Constância Rodrigues.

Constância [recurso eletrônico] : Ter e Ser / -
Constância Rodrigues Tavares. – São José dos Pinhais,
PR: Editora Seven, 2026.

Dados eletrônicos (1 PDF).

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-6109-418-4

1. Desenvolvimento pessoal. 2. Autoconhecimento.
3. Autoajuda. 4. Persistência. I. Título.

CDU 159.947.24

Bruna Heller - Bibliotecária - CRB10/2348

Índices para catálogo sistemático:

1 Desenvolvimento pessoal, autoconhecimento 159.947.24

DOI: 10.56238/livrosindi202692-001

Seven Publications Company

CNPJ: 43.789.355/0001-14

editora@sevenevents.com.br

São José dos Pinhais/PR

Aos meus pais que sempre me incentivaram a estudar, minhas irmãs, irmãos e sobrinhos que sempre acreditaram em mim, ao meu esposo que sempre esteve ao meu lado e aos meus filhos que são a razão da minha vida.

SOBRE A AUTORA

Constância Rodrigues Tavares de Souza nasceu em 19 de setembro de 1978, no município de Itacajá, Tocantins. Viveu a infância no povoado de Centenário, onde iniciou seus estudos. É graduada em Normal Superior - Universidade Estadual do Tocantins - Unitins, Pós graduada em Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Psicopedagogia, pelo Instituto de Educação LTDA- Facuminas. Graduanda em Administração Pública pela Universidade do Tocantins - Unitins.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO 1: AS MINHAS ORIGENS.....	7
CAPÍTULO 2: UMA INFÂNCIA MARCADA POR PERDAS E SUPERAÇÕES.....	12
CAPÍTULO 3: APRENDENDO A VIVER LONGE DE CASA.....	14
CAPÍTULO 4: MARABÁ: NOVOS DESAFIOS.....	19
CAPÍTULO 5: MIRACEMA: DESCOBRINDO NOVOS CAMINHOS.....	24
CAPÍTULO 6: O RETORNO PARA CENTENÁRIO.....	28
CAPÍTULO 7: AMOR, FAMÍLIA E MATERNIDADE.....	31
CAPÍTULO 8: OS DESAFIOS DA GESTÃO PÚBLICA.....	33
CAPÍTULO 9: A EDUCAÇÃO COMO MISSÃO.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40

Introdução

A vida é uma tensão constante entre aquilo que possuímos e aquilo que nos constitui. Olhando para trás, no dia **19 de setembro de 1978**, quando o primeiro choro anunciou minha chegada ao mundo em uma manhã de quinta-feira, percebo que minha história não é apenas um registro de datas, mas uma busca profunda pelo sentido de “ter” e “ser”.

Nasci em uma realidade de simplicidade e trabalho árduo, filha de pais dedicados que enfrentavam o labor da roça e o trato com os animais para garantir o sustento da família. Desde muito cedo, aos seis anos, minha jornada por essa estrada da vida começou a me exigir uma maturidade precoce. Fui babá, empregada doméstica e enfrentei o amargor da rejeição e dos abusos psicológicos, mas cada obstáculo tornou-se o alicerce de uma **constância em resiliência**.

Esta narrativa é um convite para percorrer os caminhos que me levaram da infância de pés descalços em Centenário aos desafios da gestão pública, revelando quem me tornei ao longo de cada superação.

Capítulo 1:

As minhas origens

Nome: Constância Rodrigues Tavares de Souza

06 de agosto de 2022 — 00:43

Acordei sem saber exatamente o que havia me despertado.

Não foi um sonho, nem um barulho — foi algo mais silencioso, mais profundo. Uma inquietação que já estava ali antes mesmo de eu abrir os olhos. Como se minha alma tivesse decidido não dormir naquela noite.

O quarto permanecia mergulhado na escuridão, mas dentro de mim havia luz demais — não uma luz que acalma, mas aquela que revela. Que expõe. Que não permite desviar o olhar, uma sensação persistente de não ser suficiente — como mãe, esposa, filha, amiga, profissional... como alguém diante de Deus.

Penso em Sócrates e em sua frase “só sei que nada sei”, porque é exatamente assim que me sinto: perdida dentro de mim mesma.

Queria ser melhor em tudo. Queria corresponder, acertar, viver plenamente aquilo que acredito. Mas, em vez disso, vejo-me falhando. E então ecoa em mim a verdade das Escrituras: o bem que desejo fazer, muitas vezes não faço; e o mal que não quero, esse acabo fazendo.

Realizando uma retrospectiva da minha história, talvez consiga encontrar algumas explicações para isso.

19 de setembro de 1978, uma quinta-feira por volta das 8 horas da manhã, escuta-se um choro. Alguém fala “nasceu”!

É uma menina! Confesso que gostaria de saber qual foi a reação dos meus pais naquele momento. Será que ficaram felizes com a menina? Ou gostariam que fosse um menino? Agora, esses questionamentos não importam, o que importa é que nasci saudável, cresci enfrentando muitos obstáculos e superando muitos deles e, hoje, estou aqui contando esta história que é uma constância em resiliência.

Meu pai, na época, tinha 31 anos de idade, filho dessa região do município de Centenário em Tocantins, tinha como objetivo oferecer uma condição de vida mais digna para sua família. Por isso, sempre procurava trabalhar de forma honesta e responsável. Sua principal atividade era o cultivo de roça de toco e o trabalho como vaqueiro nas propriedades de criadores de animais.

Tivemos uma infância difícil, mas de barriga cheia. Minha mãe, com 25 anos de idade, natural do município de Lizarda, no estado de Tocantins, era muito trabalhadora, cuidava da casa, das crianças, fiava e ainda tinha tempo e disposição para ajudar meu pai no labor da roça e no trato com os animais.

Em 06 de novembro de 1981, nasceu minha irmã, Edmê, no município de Lizarda, hoje localizado no estado do Tocantins. Eu tinha três anos de idade, mas me lembro perfeitamente daquele dia. O vai e vem das pessoas era uma movimentação que eu estranhava, pois não sabia que se tratava do nascimento da minha irmã. Mesmo sem entender o que estava acontecendo, gostei de ver aquela coisinha linda e queria ficar com ela o tempo todo.

Em 16 de fevereiro de 1983, nasceu minha segunda irmã, Eva. Meus pais já não moravam em Lizarda; haviam se mudado para o município de Itacajá, que, na época, pertencia ao estado de Goiás. Nesse mesmo ano, foram trabalhar como vaqueiros na fazenda do senhor José Ferreira. No início, meu pai enfrentou algumas dificuldades. A fazenda era grande, e ele chegou a pensar que não daria conta do serviço. Com o passar do tempo, porém, foi se adaptando aos trabalhos da fazenda e logo tudo estava sob controle.

Em 21 de junho de 1984, nasceu o meu irmão, Adão. Foi uma alegria imensa receber o filho homem da família, meus pais já estavam um pouco mais estabilizados, tudo corria bem na fazenda, e o patrão estava satisfeito. E, em março de 1985, aos seis anos de idade, começou a minha jornada por esta estrada da vida que, embora pareça longa, dura apenas o instante que se vive.

No mês de março de 1985, foi inaugurada a Escolinha Gustavo Costa, no município de Itacajá, próxima à Fazenda Centenário, propriedade do senhor Gabriel Pereira Rocha. O nome da fazenda viria, futuramente, a dar origem ao nome da cidade de Centenário. A escola contava com aproximadamente 20 alunos matriculados e era mantida pela Prefeitura de Itacajá, pela Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) e pelo Grupo Executivo das Terras do Araguaia-Tocantins (GETAT).

Aldenor Ferreira, Sebastiana Vanderlei e Maria da Soledade Moreira foram os primeiros professores da escola. Ana Joaquina Neres Tavares, juntamente com seus filhos, foi uma das primeiras moradoras do povoado. Antes mesmo do início das aulas, mudou-se para o local a fim de cozinhar para os pedreiros responsáveis pela construção do prédio da escola.

Aproveito este momento para contar um pouco da história de Ana Joaquina, uma mulher aguerrida, cuja lembrança ainda nos enche de saudade. Nasceu em 1940, no então município de Itacajá, estado de Goiás, filha de Adelino Tavares da Silva e Júlia Neres, lavradores da região.

Aos 14 anos de idade, ficou órfã de mãe e, juntamente com o pai e a irmã mais velha, Maria Neres Tavares, assumiu a responsabilidade de cuidar dos cinco irmãos mais novos. Foram tempos difíceis. Naquela época, as mulheres eram educadas para se casarem, terem filhos e serem submissas aos maridos. Joaquina, porém, destemida como sempre, não seguiu os padrões impostos pela sociedade daquele tempo. Recusou-se a casar, aos 16 anos, com um homem muito mais velho que ela e que sequer conhecia.

Tempos depois, casou-se e teve quatro filhos. Ainda com as crianças pequenas, ficou viúva. As dificuldades, então, tornaram-se ainda maiores: sozinha, sem moradia fixa e com os filhos para criar. Coragem, entretanto, nunca lhe faltou. Trabalhando nas roças de outras pessoas, no plantio e na colheita de alimentos para sua subsistência, criou os quatro filhos e, posteriormente, mais três que vieram a nascer.

Destemida e sem se preocupar com o amanhã, viveu intensamente cada dia de sua vida, deixando como legado uma história de amor, coragem e superação que muito nos orgulha.

A história de Centenário não começou com o pé direito. Logo no mês de abril daquele mesmo ano, uma tragédia abalou o pequeno povoado: o assassinato de um jovem fazendeiro. Foi um acontecimento desesperador. Lembro-me perfeitamente daquele fatídico dia, 21 de abril de 1985, era uma manhã de sol brilhante. As crianças brincavam, os adultos conversavam e cuidavam de seus afazeres matinais naquela nova rotina.

Naquele dia, não brinquei com as outras crianças, como acontecia de vez em quando. Eu estava vigiando para que as galinhas não comessem o arroz com casca que minha tia havia colocado para secar na calçada da escola.

Nossa escola era nova e havia sido inaugurada poucos dias antes. Tinha água encanada, uma grande novidade para a região. Foi ali que vi água encanada pela primeira vez.

A escola era composta por duas salas de aula, uma cozinha, uma despensa, um banheiro dividido em alas masculina e feminina e uma caixa-d'água de 250 litros, com uma torneira na sua base, onde as pessoas buscavam água para o consumo diário.

Naquela manhã, já próximo do meio-dia, enquanto eu ainda vigiava o arroz para que as galinhas não o comessem, presenciei o homem que, mais tarde, se tornaria o assassino afiando facas na pedra de amolar que ficava ao lado da torneira da caixa-d'água.

Por volta das 17 horas daquele dia, com apenas seis anos de idade, presenciei uma das cenas mais marcantes da minha vida, mesmo sem compreender plenamente o que estava acontecendo.

A confusão começou com quatro homens armados com facas e facões. Um deles começou soltando as galinhas que estavam presas no quintal da casa da minha tia. Em seguida, aproximou-se do pilão onde meus primos pilavam arroz para preparar o jantar e passou a golpear um deles. Quase que imediatamente, os outros três homens cercaram o irmão da vítima e começaram a atacá-lo com facões e facas. Foram mais de dez perfurações, além de vários golpes.

Ao perceber que seu irmão estava sendo atacado, o rapaz que viria a ser assassinado tentou socorrê-lo. No entanto, foi uma tentativa frustrada. Ele sacou a arma e efetuou alguns disparos, mas nenhum atingiu gravemente os agressores. Um deles foi baleado e caiu ao chão; outro foi atingido de raspão e, mesmo ferido, correu atrás dele, desferindo-lhe duas facadas nas costas. Sem resistir aos ferimentos, o jovem fazendeiro caiu e morreu.

Enquanto isso, o outro irmão continuava sendo esfaqueado. Foi então que minha tia, uma jovem senhora naquela época, pegou um pedaço de madeira — uma forquilha — e, sem pensar nas consequências, atingiu pelas costas o homem que continuava golpeando o rapaz caído no chão. O agressor levantou-se imediatamente e desferiu um golpe de facão em sua testa. Felizmente, a lâmina atingiu de lado e não provocou um corte profundo.

Nesse momento, um rapaz que observava tudo à distância percebeu que os agressores haviam deixado o homem ferido sozinho. Correu até ele, colocou-o em segurança e o levou para sua casa.

Já era noite quando as pessoas começaram a entender o que realmente havia acontecido. Minha prima conseguiu encontrar um lugar seguro para esconder o irmão, que estava gravemente ferido. Ao retornar, deparou-se com o outro rapaz ainda com vida. Ele apenas conseguiu dizer: “Me ajuda, estou morrendo.” Ela escondeu o irmão e voltou para socorrê-lo, mas, quando retornou, ele já havia falecido.

Foi desesperador.

Com apenas seis anos de idade, eu não tinha dimensão do que realmente estava acontecendo. Apenas sentia que podia ajudar de alguma forma, e isso me fazia sentir importante em meio àquela situação tão caótica. As pessoas entravam e saíam, choravam, lamentavam e procuravam cuidar umas das outras.

Naquela noite, aconteceu um episódio do qual jamais me esquecerei. Alguém, de quem já não me lembro mais, ensinou um remédio caseiro para quem estava perdendo muito sangue: matar um pintinho, esmagando-o no pilão, despejar água fervente sobre ele e dar o líquido para a pessoa beber.

Fiquei triste, porque não queria que matassem o pintinho. Ao mesmo tempo, senti-me importante quando me deram a tarefa de pegá-lo debaixo da galinha. Foi exatamente o que fiz. Peguei o pintinho, e meu tio o esmagou no pilão.

Ainda hoje sou capaz de ouvir aquele som esmagador da mão do pilão atingindo o pequeno animal: “croote... croote...”. Foi arrepiante. Lá estava ele, todo quebradinho, sendo sacrificado na tentativa desesperada de salvar a vida de alguém.

Quando minha prima retornou do mato e encontrou o rapaz morto, fomos buscá-lo para colocá-lo dentro de casa. Ainda hoje sou capaz de descrever as cenas que se seguiram naquela noite sombria.

A casa da minha tia era um galpão com telhado de palha. Havia um quarto com paredes de palha de buriti, uma sala com apenas uma parede, que fechava o lado leste da casa, e uma cozinha com somente duas paredes de pau a pique.

Foi nesse cenário que vi, pela primeira vez, os preparativos para um velório. O corpo estava estendido sobre cadeiras, por onde o sangue ainda escorria, como se clamasse por justiça. Ao lado dele, uma mãe pálida, de semblante abatido e coração trespassado pela dor, lamentava a perda do filho querido.

Ao longo da noite, também presenciei o som das facas e dos facões cortando tabocas (bambus) e braços de buriti (as hastes que sustentam as folhas do buriti), utilizados na confecção do caixão onde o corpo seria colocado.

Na manhã do dia 22 de abril de 1985, lembro-me de que o dia estava ensolarado, com um vento suave. As pessoas estavam pesarosas e tristes. Algumas se preparavam para acompanhar o corpo até o sepultamento, na fazenda da família; outras aguardavam notícias dos feridos, que haviam saído durante a noite à procura de socorro.

Naquela época, não havia transporte por veículos em nossa região. Os feridos foram levados em redes por cerca de 30 quilômetros, até o ponto mais próximo por onde, de vez

em quando, passavam veículos em direção ao povoado de Recurso, também pertencente ao município de Itacajá.

Do restante daquele ano, não me lembro de muita coisa.

Capítulo 2:

Uma infância marcada por perdas e superações

No ano de 1986, chegaram mais famílias ao povoado. Apesar de já trabalhar e ter algumas responsabilidades, eu achava divertido brincar com meus colegas, estudar e começar a descobrir o significado das letras, das palavras e dos números. Durante os dois anos seguintes, ocorreram mudanças significativas em nosso povoado. Com o aumento do número de crianças, chegaram mais duas professoras para lecionar na escolinha: Maria Sônia Soares Alves e Maurina Bento de Araújo.

Mas, o ano de 1988 foi um dos mais marcantes da minha vida e da vida da minha família. Foi nesse ano que meus pais e meus irmãos se mudaram para Centenário. Fiquei muito feliz, pois sabia que, finalmente, iria morar com eles. Não precisaria mais viver na casa de outras pessoas, poderia dormir um pouco mais, não teria mais que recolher o penico com urina todas as manhãs nem pilar arroz praticamente todos os dias da semana. Além disso, teria meus irmãos para brincar. De fato, minha vida de criança melhorou.

Mas essa felicidade durou pouco. No início daquele mesmo ano, senti, pela primeira vez, a frustração da rejeição. Fui impedida de participar de uma apresentação da escola porque, segundo uma das professoras, meus cabelos crespos e curtos não correspondiam ao perfil da personagem. Naquela época, eu não compreendia o motivo; queria apenas participar, mas não pude.

Depois desse episódio, comecei a perceber que era tratada de forma diferente das outras meninas. De vez em quando, os adultos comentavam que eu parecia um menino. Aquilo me machucava profundamente. Poucas meninas me chamavam para brincar, e essas situações foram me deixando cada vez mais triste. Eu me achava feia e diferente das outras meninas.

No entanto, encontrei uma forma de chamar a atenção das outras pessoas, fossem adultos ou crianças. Passei a estudar cada vez mais e, em pouco tempo, tornei-me a melhor aluna da turma em leitura, escrita e nas quatro operações matemáticas. Ficava apenas esperando uma oportunidade para que meus colegas precisassem da minha ajuda, pois assim eu poderia ensinar-lhes alguma coisa e, conseqüentemente, ser aceita nas brincadeiras.

Tudo isso já era difícil, mas aquele ano ainda reservava desafios maiores para mim e para meus irmãos. Meus pais se separaram. Como foi doloroso! Eu tinha nove anos de idade; minha irmã Edmê, seis; Evinha, cinco; e meu irmão Adão, apenas três.

Sofremos muito! Minha mãe saiu de casa, e nós ficamos com o meu pai. Foi muito difícil e constrangedor ouvir as pessoas comentando e falando mal da nossa família.

Apesar de tudo, o ano de 1988 também trouxe uma boa notícia. Além da mudança da minha família para o povoado de Centenário, foi nesse ano que ocorreu a criação do estado do Tocantins.

A criação do estado do Tocantins, em 5 de outubro de 1988, foi um divisor de águas para a nossa região, que até então tinha poucas perspectivas de desenvolvimento. Graças à luta de políticos pioneiros pela divisão da região norte do estado de Goiás e à promulgação da Constituição Federal de 1988, a esperança começou a brotar, ainda que de forma tímida e desacreditada por muitos.

Em pouco tempo, surgiu o interesse político pela emancipação de novos municípios, tornando real a possibilidade de o povoado de Centenário transformar-se em uma cidade. Esse sonho tornou-se realidade em 20 de fevereiro de 1991, com a criação do município de Centenário, no Tocantins.

Em 1º de janeiro de 1993, o município foi oficialmente instalado, com a posse da primeira Câmara Municipal de Vereadores e do primeiro prefeito, José Alves da Costa, conhecido como Índio.

Capítulo 3:

Aprendendo a viver longe de casa

Mas não posso deixar de retomar a cronologia da minha história. Meses depois de minha mãe ter saído de casa, ela retornou, e isso foi motivo de uma alegria imensa para todos nós. No entanto, meu coração já não era mais o mesmo. Eu tinha o pressentimento de que tudo aquilo voltaria a acontecer. E, infelizmente, aconteceu novamente, mas falarei sobre isso mais adiante.

Em 1990, saí pela primeira vez para morar em uma cidade: Guaraí, no estado do Tocantins. Foram dias difíceis e de muita saudade. Ainda hoje, meu coração bate forte só de recordar aqueles tempos, lembranças que permanecem vivas dentro de mim.

Não me lembro exatamente do dia, mas foi em julho de 1990. Eu tinha onze anos de idade e era ano de eleição para o governo do estado do Tocantins. Naquela época, os candidatos faziam campanha na região do povoado de Centenário, mais precisamente na Fazenda Solta. Foi de lá que, pela primeira vez, viajei sozinha, de carona, em um caminhão vermelho da Chevrolet com destino a Guaraí.

Lá estava eu, assustada, sem entender direito o que estava acontecendo comigo.

Meu trabalho era cuidar de uma criança, mas, logo nos primeiros dias, também comecei a realizar outras tarefas domésticas. Houve momentos marcantes nesse período em que morei em Guaraí. O primeiro deles foi quando precisei limpar a casa pela primeira vez.

Era uma casa grande, bonita, toda revestida com piso de cerâmica. Eu nunca tinha visto uma casa daquele tipo. Minha patroa não me ensinou claramente como deveria ser feita a limpeza, ou talvez, eu simplesmente não tivesse compreendido. Joguei água e sabão em pó em todos os cômodos da casa. O problema é que aquilo deu um trabalho enorme. Esfreguei o piso inteiro, fiz muita espuma e não conseguia retirar o sabão. Quanto mais água eu jogava, mais espuma aparecia.

Passei toda a manhã tentando terminar a limpeza, mas não consegui. Acabei indo para a escola e só concluí o serviço à noite, com a ajuda da dona da casa.

Naquela época, eu sentia muita saudade da minha família. Chorava com frequência e queria voltar para casa. Sempre que aparecia alguém de Centenário, dizia que iria embora. Criava uma ilusão dentro de mim e acreditava que finalmente chegaria a hora de voltar. Tanto que dizia à minha professora da 4ª série do Ensino Fundamental, no Colégio Estadual Dona Anaídes, que, no dia seguinte, eu não iria mais à escola.

Mas, quando a visita ia embora, eu permanecia. Era apenas uma vontade, uma esperança alimentada pela minha imaginação. Eu chorava muito, implorava para que me levassem, mas nada acontecia. Lá estava eu, frustrada mais uma vez.

Isso aconteceu várias vezes. Foi também nesse período que tive o meu primeiro par de sapatos. Trabalhei durante seis meses e esperei ansiosamente pelo dia de recebê-los. Quando

finalmente chegaram, achei-os lindos. A alegria foi tão grande que meu coração parecia saltar de felicidade. Corri para calçá-los.

Foi então que minha patroa disse:

— Se ficarem apertados ou grandes, me avise para que eu possa devolvê-los.

Aquelas palavras me deram um frio na barriga. Tentei calçar os sapatos, mas eles não entravam nos meus pés. Estavam apertados. E agora? O que eu faria? O medo de que ela os devolvesse tomou conta de mim. Na minha cabeça, ela não havia dito que os trocaria, mas que os devolveria. Entrei em desespero.

Quando ela perguntou se haviam servido, por um instante pensei que talvez nunca mais tivesse a oportunidade de ganhar outro par de sapatos. Mesmo sabendo que não cabiam, respondi:

— Serviram.

Nunca pude usá-los. Eles não cabiam nos meus pés. Ainda tentei cortar a parte de trás dos sapatos para ver se serviam, mas foi inútil. Não serviram. Fiquei muito triste. Chorei tanto...

Assim terminou o ano de 1990.

Mal sabia eu que estava apenas encerrando mais um ciclo da minha vida. Na minha cabeça de menina de doze anos, pensava apenas que voltaria para casa e viveria feliz para sempre. Mas a vida não é essa maravilha idealizada por tantas crianças, como também era por mim naquela época.

Com o passar dos anos, compreendi que a vida é, acima de tudo, um exercício diário de superação. É ela que nos fortalece e nos ensina a enfrentar as adversidades impostas pelo cotidiano, construindo, pouco a pouco, uma versão mais forte de nós mesmos.

Naquele final de ano, voltei para minha casa, em Centenário. Havia concluído a primeira fase do Ensino Fundamental, ou seja, a quarta série. Naquela época, o município ainda não havia sido emancipado e a escola oferecia apenas o ensino até a quarta série.

Eu estava feliz por voltar para casa, mas já começava a me preocupar. Sabia que não havia mais possibilidade de continuar estudando em Centenário. E agora? O que seria de mim?

No início do ano de 1991, meu pai e eu fomos para a cidade de Pedro Afonso, procurando, de porta em porta, alguma família que quisesse uma menina para trabalhar em sua casa e morar com eles, para que eu pudesse continuar estudando.

Confesso que, a cada casa em que parávamos, meu coração ficava mais apertado. Sentia um nó na garganta e um mal-estar tão intenso que somente eu poderia ser capaz de compreender aquelas emoções. A cada resposta negativa que recebíamos, eu sentia um alívio, acreditando que não encontraríamos ninguém interessado nos meus serviços e que, conseqüentemente, meu pai me levaria de volta para casa.

Mas, de repente, essa pequena esperança acabou.

Em uma casa de estilo colonial, localizada em frente à praça da igreja matriz, próxima ao rio Tocantins, meu pai bateu palmas. A porta de entrada era dividida em duas partes, superior e inferior. Logo apareceu uma mulher jovem, de aproximadamente trinta e dois anos. Ela nos recebeu com muita atenção e perguntou o que desejávamos.

Meu pai foi direto ao assunto e perguntou se ela precisava de alguém para trabalhar em sua casa. Sem muitos rodeios, ela respondeu que sim, pois precisava de uma babá.

Meu coração quase saiu pela boca. Engoli em seco. Quis chorar, mas me contive.

Ela nos convidou para entrar, perguntou de onde éramos e o que eu sabia fazer. Meu pai explicou que eu já havia trabalhado como babá em Guaraí.

Em poucos minutos, tudo estava resolvido.

E lá estava eu, mais uma vez, vendo meu pai se afastar lentamente, até desaparecer da minha vista.

Que saudade! Quanta dor!

Eu revivia aquele sentimento de nostalgia que tantas vezes havia experimentado desde que saí de casa pela primeira vez, aos seis anos de idade.

Mas, como sempre, o Senhor, meu Deus, cuidava de mim. Embora enfrentasse aqueles momentos de tristeza, solidão e sensação de abandono, aos poucos eu me adaptava à nova realidade, aprendia a conviver com o novo ambiente e seguia em frente.

A dona da casa era funcionária do antigo Banco Bamerindus. Logo tratou de me apresentar as crianças: um garotinho de aproximadamente três anos e uma bebezinha de apenas dois meses.

A princípio, minha função era apenas cuidar das crianças. No entanto, já no primeiro dia ela começou a me ensinar outras tarefas, como arrumar as camas, ligar e desligar o fogão, limpar a casa, entre outras.

Ela me ensinava tudo com muito carinho, e isso fazia com que eu me sentisse acolhida, mesmo diante de tantas responsabilidades. Quando chegava do trabalho, observava se eu havia concluído as tarefas que me havia confiado. Se eu não as tivesse feito da forma correta, nunca reclamava comigo; apenas me ensinava pacientemente como fazer.

As coisas estavam indo bem. Eu já havia me adaptado, mas acabei adoecendo. Peguei caxumba e, para completar, também contrai coqueluche, conhecida por nós como “tosse braba”.

Apesar disso, fui muito bem cuidada. Minha patroa me levou ao hospital, onde fiquei internada por vários dias. Lembro-me de que ela não podia permanecer comigo durante a internação, mas sempre me recomendava aos cuidados das enfermeiras.

O momento de que eu mais gostava era o horário das visitas. Ela sempre levava alguma coisa para eu comer. Foi nessa época que experimentei uvas pela primeira vez.

Quando saí do hospital, minha patroa me fez uma pergunta:

— Você gostaria de continuar trabalhando para mim ou prefere ir embora?

Ir embora era tudo o que eu queria. Aquela pergunta não poderia ter vindo em melhor hora. É claro que respondi que queria voltar para casa.

Ela comprou minha passagem, levou-me até o caminhão que fazia o transporte de passageiros entre Pedro Afonso e Centenário, deixou-me aos cuidados do motorista e foi embora.

Foi a última vez que a vi.

Era um dia ensolarado, de brisa leve, em meados do mês de abril. Fiquei ali parada, esperando o caminhão partir. A ansiedade era tão grande que parecia que o tempo não passava.

Até que, enfim, o caminhão saiu. Eram aproximadamente nove horas da manhã. Chegamos a Centenário por volta das dezessete horas.

Passei o restante daquele ano na casa dos meus pais.

Em 1992, voltei para Pedro Afonso. Dessa vez, não poderia mais voltar para casa antes da hora. Precisava continuar estudando e iria cursar a quinta série do Ensino Fundamental.

Assim aconteceu. Arrumei um emprego como babá de duas crianças. Morava na casa da família, estudava à noite e me adaptei rapidamente.

Minha patroa era diretora do Colégio Agrícola, e meu patrão era proprietário de uma frutaria. Foi um ano tranquilo. Cuidava das crianças e me divertia muito com elas.

Os anos de 1991 e 1992 foram muito importantes para nós, centenarenses. Em 1991, foi criado o município de Centenário e, em 1992, realizou-se a primeira eleição para prefeito.

Como acontece em toda campanha eleitoral, candidatos e eleitores viviam um clima de grande entusiasmo e acirramento. Em Centenário não foi diferente. Naquele período, eu morava em Pedro Afonso e pouco entendia de política. Apenas percebia que havia uma grande movimentação e imaginava que tudo aquilo representava algo importante para o futuro do nosso município.

A campanha teve início nos primeiros meses do ano. Não me lembro exatamente em qual mês, mas sei que, em julho, os comícios já aconteciam com frequência. No dia 2 de julho de 1992, um dos candidatos a prefeito realizou um comício na região do Rio Preto. Para ser mais precisa, aquela localidade já pertencia ao município de Recursolândia. Não sei por que escolheram aquele lugar para realizar o evento.

O que deveria ser apenas um ato de campanha terminou em tragédia.

Como mencionei anteriormente, os ânimos estavam exaltados durante aquele período eleitoral. Naquele dia, um candidato a vereador, um jovem de 26 anos que havia se mudado de Goiânia para a região de Centenário havia pouco tempo, desentendeu-se com um senhor de aproximadamente 70 anos, morador da região havia muitos anos.

Os dois trocaram insultos ainda no palanque. Quando o candidato desceu, foi atingido por dois disparos de revólver calibre .38 e morreu no local.

Foi um momento de grande desespero.

Ao término da campanha, no dia da eleição, em 15 de novembro de 1992, Centenário elegeu, pela primeira vez em sua história, o seu prefeito: José Alves da Costa, conhecido como Índio.

Em 1º de janeiro de 1993, o município foi oficialmente instalado, com a posse do primeiro prefeito e dos primeiros vereadores eleitos.

Foi um período de muitas mudanças para todos nós. A maioria da população ainda não conhecia a estrutura administrativa de um município e, por isso, tudo parecia novidade. Aos poucos, fomos nos familiarizando com as secretarias municipais, como as de Administração,

Saúde, Educação e Infraestrutura, além de outros serviços públicos que começaram a fazer parte do nosso cotidiano, como posto telefônico, agência dos Correios, policiamento e energia elétrica.

Capítulo 4:

Marabá: novos desafios

Em dezembro de 1993, saí de Centenário para morar em Marabá, no Pará.

Hoje, trinta e um anos depois, em 2024, ainda me emociono ao lembrar daquela época. Não consigo conter as lágrimas.

Em dezembro de 1993, eu acabara de completar quinze anos de idade. No entanto, mesmo sendo apenas uma adolescente, já possuía experiência com o trabalho doméstico. Como citei anteriormente, em 1990 trabalhei como empregada doméstica em Guaraí, aos onze anos de idade. Em 1991 e 1992, trabalhei em Pedro Afonso. Essa experiência já me permitia ir mais longe.

Fui trabalhar na casa de uma família da nossa região. Meu patrão era médico e filho de Tocantina, no Tocantins. Minha patroa era advogada e filha de Santa Maria do Tocantins. Naquela época, ela atuava como advogada em Marabá, enquanto ele exercia a medicina em Mirante.

Meu pai era conhecido da mãe da minha patroa e, como sempre fazia em suas andanças, arrumou mais esse emprego para mim. Saí de Centenário rumo a Santa Maria. Confesso que não me lembro se fui sozinha ou acompanhada.

Partimos nos últimos dias de dezembro de 1993 rumo a Marabá. Não me lembro do dia da semana, mas saímos pela manhã, em um dia ensolarado de dezembro, em uma caminhonete D20 de luxo, de cor branca. Percorremos aproximadamente seiscentos quilômetros, e eu viajei na carroceria da caminhonete.

Passamos por Guaraí, Araguaína, Xambioá, São Geraldo e São Domingos (as principais cidades do percurso), até chegarmos a Marabá. Chegamos por volta das 21 horas.

Naquele momento, tudo o que eu mais queria era descansar e dormir. Eu ainda não tinha noção do que significava sair de casa para assumir uma responsabilidade tão grande aos quinze anos de idade.

Quando já me preparava para deitar, a governanta da casa me chamou e perguntou:

— O que você acha que vai fazer agora? Vá para a cozinha! A pia está cheia de louças sujas. Você só vai dormir depois de lavar toda a louça e limpar a cozinha.

Lá fui eu lavar toda a louça e limpar a cozinha, depois de uma viagem de mais de doze horas na carroceria de uma caminhonete.

Naquela noite, quase não consegui dormir. Meu corpo doía por completo.

No outro dia, bem cedo, às cinco horas da manhã, eu já estava de pé, desorientada, sem saber por onde começar.

Éramos quatro empregados. A governanta era a mais antiga da casa e trabalhava para a família havia quinze anos. Sua função era coordenar e distribuir as tarefas dos demais empregados. Havia também outra menina, assim como eu, menor de idade, que já trabalhava havia quatro anos. Ela era responsável pela limpeza da casa e por passar as roupas. Havia ainda um

rapaz, encarregado da limpeza do terreno e do escritório de advocacia. Por fim, havia eu. Minha função era limpar a cozinha, preparar as refeições e ajudar no que fosse necessário.

Como falei anteriormente, naquela manhã eu estava completamente desorientada. Precisava preparar o café da manhã, mas não sabia por onde começar. Minha vontade era chorar e voltar para casa. No entanto, não me restava outra opção a não ser aceitar aquela realidade. Aos poucos, fui me adaptando e pegando o ritmo da casa.

Passamos poucos dias naquela residência, pois ela passaria por uma reforma. Morávamos na Folha 17, em Nova Marabá, no Pará, e nos mudamos para a Folha 28, também em Nova Marabá. Não me lembro da data exata, mas a mudança aconteceu no mês de fevereiro.

Naquele ano aconteceram fatos que me marcaram para toda a vida.

Minha patroa viajava com frequência. Meu patrão aparecia apenas de vez em quando, pois era médico e trabalhava na cidade de Miranorte, no Tocantins. Assim, passávamos a maior parte do tempo sob os cuidados da empregada chefe.

Ela era muito ríspida e grosseira. Tratava-nos com mão de ferro e não demonstrava piedade. Eu, por ser a mais nova na casa e ainda não saber me defender, fui quem mais sofreu.

Ao contrário dela, minha patroa era uma pessoa respeitosa, cuidadosa e empática. Orientava-nos nos afazeres da casa com paciência, mas permanecia pouco tempo em casa por causa do trabalho.

Fui matriculada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Martinho Motta da Silveira. Já era fevereiro, mas as aulas não começavam, pois a escola estava em reforma. Essa situação me deixava angustiada, afinal, o meu principal objetivo era estudar.

Certo dia, minha patroa viajou e eu aproveitei para tentar fazer minha matrícula em outra escola. Tinha medo de perder o ano letivo sem estudar, mas minha tentativa foi frustrada. Quando minha patroa voltou, não aceitou a mudança e me proibiu de estudar naquela escola, que era uma escola batista.

Continuei angustiada, esperando o início das aulas. Na minha cabeça, elas demorariam muito para começar e, conseqüentemente, haveria aulas no mês de julho. Isso significava que eu não poderia ir a Centenário visitar minha família.

Ufa! Até que, enfim, as aulas começaram, já no final do mês de março.

Com o início das aulas, as coisas aparentemente melhoraram para mim. Trabalhava o dia todo no labor da casa, mas meu pensamento estava na escola. Pensava nas colegas de sala, na merenda escolar e na possibilidade de ficar fora de casa por quase cinco horas.

Minha patroa comprou meu material escolar e também me incentivava a estudar. Naquele um ano e dois meses em que fiquei em Marabá, a escola era o melhor lugar para mim.

Contrapondo isso, quando eu chegava da escola, encontrava um ambiente muitas vezes humilhante. Não foram poucas as vezes em que precisei pular o muro para conseguir entrar. Ainda assim, eu não tinha a chave da porta e precisava bater na janela, esperando que alguém se levantasse para abrir.

Quando, enfim, entrava em casa, encontrava uma cozinha à minha espera para ser arrumada. Começava lavando a louça, limpando o fogão, organizando a geladeira e limpando o chão da cozinha. Quando terminava tudo, ainda estudava um pouco e, muitas vezes, adormecia sentada à mesa da cozinha.

As coisas não iam tão bem, mas pioraram ainda mais. Em um determinado dia, precisamente no mês de abril, na véspera da Semana Santa, minha patroa pediu que eu preparasse uma comida bem simples, porque viajaria para o Tocantins depois do almoço e queria fazer uma refeição leve. Pediu que eu preparasse um picado de abóbora e, depois, acrescentasse leite.

A empregada chefe, porém, discordou da receita e me proibiu de colocar o leite. Disse que eu poderia fazer o picado, mas que não era para acrescentá-lo.

Assim eu fiz. Mas fiz um questionamento:

— Quando a doutora perguntar por que não coloquei o leite no picado, o que eu digo?

Minha chefe respondeu:

— Diga que não tem leite.

Moço! Parece que foi de encomenda. Quando minha patroa chegou, disse para mim:

— Constância, traga para mim um copo de leite.

Fiquei atordoada. Não sabia o que fazer. Minha mente entrou em conflito. Pensava: “Se eu levar o leite, ela vai perguntar por que não coloquei o leite no picado. E, se eu não levar e ela descobrir depois que tem leite?”

Fiquei ali por alguns segundos, sem saber como agir. Porém, decidi dizer que não havia leite.

— Doutora, não tem leite.

No mesmo instante, ela pediu um copo de leite para a outra empregada, que o levou imediatamente.

Minha patroa perguntou à minha colega por que eu havia dito que não tinha leite. Ela respondeu:

— Foi a governanta que mandou ela dizer que não tinha leite.

Em seguida, fui chamada para explicar por que havia dito aquilo. Menti mais uma vez. Respondi que, como não tinha sido eu quem havia retirado a mesa do café, imaginei que o leite tivesse acabado.

Para mim, aquela história havia terminado ali. Mas não.

Havia uma visita na casa que presenciou toda a conversa entre a governanta e eu. Essa pessoa veio de carona para o Tocantins com minha patroa e, durante a viagem, ela, sem entender por que eu havia mentido, comentou o ocorrido. Foi então que a visita contou tudo o que realmente havia acontecido.

Eu, sem saber de nada, nem me lembrava mais daquela história, fui surpreendida em uma tardezinha do mês de abril. Precisamente na hora do lanche da tarde, minha patroa, sentada à mesa com seus filhos, de oito, dez e treze anos de idade, fez-me a seguinte pergunta:

— Constância, por que você mentiu para mim naquele dia em que viajei para o Tocantins, dizendo que não tinha leite? Por que não me serviu o leite?

Fiquei sem chão. Meu coração disparou, mudei de cor e permaneci alguns segundos sem conseguir dizer uma palavra.

Então fui interpelada mais uma vez:

— Não minta para mim. Por que você falou que não tinha leite?

(A partir deste momento, utilizarei nomes fictícios para os personagens desta história, a fim de preservar suas identidades. Chamarei a governanta de Zilda e minha patroa de Leila.)

No impulso, respondi à doutora Leila:

— Foi a Zilda que mandou eu dizer que não tinha leite, pois ela me proibiu de colocar leite no picado, alegando que picado com leite não ficava bom.

A doutora Leila fez outro questionamento:

— Você tem como provar o que está me dizendo?

Respondi:

— Sim.

Mal sabia eu que, naquele momento, estava assinando minha sentença de abusos psicológicos, afrontas morais e trabalho exaustivo.

(Afirmo aqui que a doutora Leila sempre me tratou com cordialidade e respeito.)

Quando respondi “sim”, a Zilda foi entrando na cozinha. Fiquei gelada.

A doutora perguntou:

— Constância, é verdade que a Zilda mandou você dizer para mim que não tinha leite naquele dia em que viajei para o Tocantins?

Respondi:

— É verdade.

Não tem como esquecer aquela cena. A Zilda já havia entrado pela porta e se encontrava no centro da cozinha. Quando viu e ouviu minha resposta confirmando o ocorrido, virou-se em minha direção e começou a pular e a me xingar com palavras que não posso reproduzir aqui. Fiquei apavorada.

Naquela época, Zilda tinha aproximadamente 45 anos de idade. Eu tinha apenas 15.

A doutora Leila interpôs-se entre nós, pedindo que a Zilda se calasse, parasse com aquela cena ridícula e reconsiderasse suas atitudes. Eu, sem saber o que fazer, senti medo, mas procurei manter uma postura serena.

Naquela noite, a doutora Leila e eu saímos para a igreja. A Zilda também saiu de casa, mas não sei para onde foi.

Após esse episódio, fiquei marcada. A Zilda tinha autoridade na casa. Já fazia quinze anos que trabalhava para a família e não iria deixar barato tudo o que havia acontecido.

A partir de agora, contarei apenas alguns episódios que vivi naquele ano.

Como falei anteriormente, eu sempre pulava o portão da casa quando chegava da escola, mas não conseguia entrar, pois não tinha a chave. Ficava batendo na janela até que alguém abrisse a porta.

Em certo dia, de tanto eu bater na janela, a doutora Leila levantou-se, abriu a porta e perguntou por que eu estava ali àquela hora. Já passava da meia-noite. Respondi que havia chegado da escola e ninguém abria a porta para eu entrar.

No outro dia, ela mandou fazer uma cópia da chave e a entregou para mim.

Eita! Era só alegria. Não precisava mais pular o portão.

Mas minha alegria durou pouco. A doutora Leila viajou, e a Zilda pegou minha chave escondido. Lá estava eu, mais uma vez, sem a chave. Eu sabia que tinha sido ela quem a havia pegado, mas não tinha coragem de dizer nada.

Combinei com a outra empregada que ela abriria a porta para mim quando eu chegasse da escola, e assim fizemos. Porém, minha colega era um pouco desatenta com o horário em que eu chegava e, muitas vezes, eu acabava ficando um bom tempo na janela, batendo e esperando que alguém abrisse a porta.

Outro dia, não consegui fazer o almoço em tempo hábil para levar ao rapaz que trabalhava na chácara. Quando o motorista chegou para buscar a comida e ela ainda não estava pronta, a Zilda ficou tão irritada comigo que começou a me xingar. Achando que somente os xingamentos não eram suficientes, pegou uma faca e veio em minha direção.

Comecei a caminhar ao redor da mesa, enquanto ela tentava me alcançar. Não consegui, mas cravou a faca na tampa de uma panela que estava em cima da mesa. Foi nesse momento que o motorista, que assistia a toda a cena, entrou no meio e tomou a faca das mãos dela.

Também aconteceu de eu dormir muitas vezes no chão.

Foram tantos acontecimentos naquele ano: dormir no chão, fazer apenas uma refeição por dia, ficar do lado de fora da casa esperando que alguém abrisse a porta, suportar constrangimentos, insultos e um trabalho quase ininterrupto.

Hoje, trinta anos depois, olhando para trás, vejo o quanto todas essas experiências me fortaleceram. Vou usar uma frase da minha filha Izabela, de dez anos, que costuma dizer:

— Mãe, vê o lado bom da coisa.

É isso que procuro fazer hoje: enxergar o lado bom de tudo o que vivi. Cada dificuldade me tornou uma pessoa mais forte, resiliente e empática. Fez-me reconhecer o quanto sou pequena diante da vida, e essa consciência me dá a oportunidade de continuar crescendo, buscando, a cada dia, tornar-me uma pessoa melhor.

Capítulo 5:

Miracema: descobrindo novos caminhos

O ano de 1995 foi bem melhor que os anteriores. Eu já havia concluído o Ensino Fundamental e agora ingressaria no Ensino Médio.

Em janeiro daquele ano, saí de Centenário rumo a Miracema do Tocantins. Não conhecia a cidade, mas conhecia algumas pessoas que moravam lá. Saí de casa às cinco horas da manhã em um caminhão Ford F-4000 que fazia a linha entre Centenário e Pedro Afonso. Ao chegar a Pedro Afonso, tive que pegar outro meio de transporte até Guaraí; de Guaraí, outro até Miranorte; e, finalmente, de Miranorte até Miracema.

Chegamos no período da tarde, por volta das dezesseis horas. Eu estava acompanhada da minha prima Rosinha, a quem sou muito grata, pois, na época, ela morava em Miracema.

Quem providenciou minha ida para lá foi uma colega de Centenário que também já morava em Miracema. A Rosinha levou-me diretamente para a casa dessa minha amiga, que, de imediato, me encaminhou para a residência da família onde trabalhei como empregada doméstica durante cinco meses.

Acostumada a sair de casa desde os seis anos de idade, dez anos depois, aos dezesseis, meu coração ainda batia acelerado a cada nova casa em que eu precisava trabalhar.

Hoje, trinta anos depois, ainda sou capaz de sentir aquele vazio, uma sensação de deslocamento, de não pertencer a lugar nenhum, simplesmente de estar sem rumo.

A dona da casa, uma senhora de aproximadamente setenta e oito anos, recebeu-me. Senti-me deslocada, incapaz, mas não havia como recuar. Agora era seguir em frente e dar o meu melhor.

Era uma casa grande, em estilo colonial, com muitos cômodos, mas habitada por apenas três pessoas. Trabalhei apenas cinco meses naquela casa. Foram dias de muito trabalho, respeito e aprendizado.

Foi nessa época que comecei a cursar o Ensino Médio Técnico em Contabilidade. Também tive meu primeiro contato com a datilografia e a computação. Quando fui passar as férias em Centenário, eu me achava importante, pois já sabia um pouquinho de datilografia e computação. Falava para todo mundo o que havia aprendido e também sobre contabilidade: livro-caixa, livro-razão, contas a pagar, entre outras coisas.

Quando voltei das férias, minha patroa havia se mudado para São Paulo. Lá fui eu novamente peregrinar em busca de um novo emprego. Era o que eu mais temia: procurar trabalho, bater de porta em porta perguntando se alguém precisava de uma pessoa para trabalhar.

Foi exatamente isso que fiz. Durante dois dias, procurei serviço doméstico de porta em porta. Não me lembro mais do dia da semana, mas recordo que era uma tardezinha, na Rua 25 de Agosto, próximo ao DETRAN e ao escritório da JUCETINS – Junta Comercial do Estado do

Tocantins, quando uma jovem senhora, servidora pública estadual, disse que precisava de uma pessoa para trabalhar na casa de sua mãe.

Acertamos tudo naquele mesmo dia e, naquela mesma noite, já fui dormir na casa.

Durante vários meses, apenas um dos filhos do casal de idosos morava na residência. A casa encontrava-se muito suja, com muitas teias de aranha e poeira.

No dia seguinte, comecei a limpeza. Confesso que limpar sempre foi meu ponto fraco; não gosto de fazer faxinas. Ali, sozinha, em meio a tanta sujeira, comecei a limpar a casa com uma vassoura grande para vasculhar telhados.

Durante aquela faxina, prometi a mim mesma que estudaria e daria o meu melhor, porque não queria aquela vida para mim.

Hoje tenho grande admiração pelos profissionais do trabalho doméstico e reconheço que sua profissão passou a ser mais valorizada. Sei que ainda há muito a melhorar, mas, até a década de 1990, esses profissionais eram muito explorados.

No final do dia, a casa estava toda limpa. Agora era somente esperar os donos chegarem. Fazia alguns meses que eles estavam em Brasília.

Quando chegaram, dois dias depois de eu ter começado a trabalhar, foi amor à primeira vista. Gostei imediatamente da dona Cândida, uma senhora de aproximadamente setenta e dois anos de idade, elegante, educada, prestativa e simpática. Foi uma conexão imediata.

Também gostei do senhor Cândido e do filho do casal, Candinho.

Só para esclarecer, naquela casa moravam apenas três pessoas: Cândido, Cândida e Candinho.

Foram dois anos e meio de muito respeito, cuidado recíproco, aprendizado e companheirismo com essa família maravilhosa, que me recebeu e cuidou muito bem de mim. Com certeza, eles contribuíram para que eu me tornasse a pessoa que sou hoje.

Em memória da dona Cândida e do senhor Cândido, agradeço a toda a família pelo acolhimento e carinho durante esses anos.

Miracema foi muito marcante na minha vida. Lá vivi minhas primeiras experiências como mulher, na fase de transição da adolescência para a vida adulta.

Desde os seis anos de idade, tive que superar obstáculos sendo criança, mas assumindo atitudes de adolescente. Agora não era diferente: era uma adolescente com experiências de uma mulher adulta.

Já entendia que a vida não é fácil para ninguém. Para quem pertence às camadas mais pobres da sociedade, como eu, é ainda mais difícil. Não basta ter talento, ser estudiosa, educada, empática e respeitosa. Muitas vezes, também é preciso corresponder aos padrões de beleza e de comportamento impostos por uma sociedade que ainda julga as pessoas pela aparência, pela cor da pele, pela orientação sexual, pela religião ou, simplesmente, por serem mulheres.

Meu peito ainda aperta quando me lembro de uma ocasião em que eu estava batendo de porta em porta à procura de um emprego. Entrei em uma loja e perguntei se estavam precisando de alguém para trabalhar.

A moça olhou para mim de cima a baixo e disse:

— Vestida desse jeito, você não encontra emprego nem de empregada doméstica. Como se atreve a pedir emprego em uma loja de roupas?

Naquele dia, eu vestia apenas uma camiseta com estampa branca e verde, uma bermuda jeans na altura dos joelhos e uma sandália de dedo.

Meu coração doeu. Senti vergonha. Fiquei me perguntando por que precisava passar por aquilo. Naquele momento, tudo o que eu mais desejava era voltar para a casa dos meus pais.

Naquela época, eu nunca tinha ouvido alguém falar em resiliência. Somente muitos anos depois descobri o verdadeiro significado de ser resiliente. Resiliência não se adquire, você já nasce, não precisa saber ser, você simplesmente é.

Naquela tarde, depois de chorar muito, encostada em um banco da Praça Derocy de Moraes, ergui a cabeça, enxuguei as lágrimas e segui em frente. Essa é uma atitude que levo comigo todos os dias da minha vida.

Esse episódio, e tantos outros que vivi durante o período em que morei em Miracema, não ofuscaram, muito menos apagaram, os momentos maravilhosos que passei por lá. Eu amava minha instituição de ensino, o Colégio Estadual Santa Terezinha. Estudar era o que eu mais gostava. Na década de 1990, os cursos técnicos, entre eles o de Contabilidade, eram oferecidos em algumas escolas brasileiras como parte do currículo do Ensino Médio.

Tive a oportunidade de cursar Enfermagem, Científico e Magistério, mas a Contabilidade foi a minha grande paixão. Gostava das disciplinas de Direito e Legislação, Contabilidade Bancária, Matemática, Matemática Aplicada, entre outras.

Sinto-me privilegiada por ter conhecido todos os meus colegas de turma. Na época, muitos ainda eram adolescentes, outros já eram jovens adultos, mas todos tinham algo em comum: a busca pelo conhecimento. Éramos jovens sonhadores, movidos pelo desejo de construir uma sociedade melhor.

Quase trinta anos depois, ao recordar minha história, sinto muitas saudades daquela época: das nossas festinhas, do dia a dia na sala de aula, dos professores, que exerceram a docência com amor, dedicação e maestria, e dos momentos de descontração vividos com responsabilidade. Foram tempos inesquecíveis, que estarão para sempre guardados em minha memória.

Dezenove de dezembro de mil novecentos e noventa e sete. Enfim, formada em Técnico em Contabilidade, estava muito feliz por concluir aquela etapa. Porém, uma nostalgia tomava conta de mim. A saudade já era imensa. Sentia, de forma antecipada, a dor de deixar a escola, os professores, os colegas e a família que me acolheu.

E agora, o que fazer?

Não era a primeira vez que experimentava aquele sentimento de deslocamento, de não saber qual caminho seguir. Mas, como sempre, a emoção deu lugar à razão.

Naquele momento, percebi que o mais importante era estar ao lado da minha família, em Centenário.

Meus pais se separaram pela segunda vez um ano antes da conclusão do meu Ensino Médio. Dessa vez, em definitivo.

Meu pai não estava bem de saúde e, por esse motivo, decidi voltar para Centenário.

Lembro-me perfeitamente desse dia. Foi em 28 de dezembro de 1997, três dias depois da nossa confraternização de conclusão do Ensino Médio.

Foram dias inesquecíveis. Aqueles foram os últimos momentos que passamos juntos como turma, após três anos de convivência, aprendizado e amizade. Compartilhamos experiências e construímos lembranças que levaremos por toda a vida.

Capítulo 6:

O retorno para Centenário

O ano de mil novecentos e noventa e oito também não foi fácil. Cheguei a Centenário levando comigo a bagagem de ter concluído o curso Técnico em Contabilidade, um curso de datilografia e um curso básico de computação.

Acreditava que essa formação seria suficiente para conseguir, no mínimo, um emprego como assistente administrativo na prefeitura, que, até então, era praticamente a única fonte de empregos no município.

No entanto, minha qualificação técnica não foi suficiente para que eu conseguisse uma oportunidade de trabalho.

Durante todo aquele ano, passamos por dificuldades financeiras. Meu pai não tinha salário, estava doente e mal conseguia andar. Minhas irmãs também não estavam trabalhando, e meu irmão ainda era adolescente. Mas, com a graça de Deus, superamos todos os desafios.

Em fevereiro de mil novecentos e noventa e nove, prestei concurso para o cargo de assistente administrativo da Prefeitura de Centenário e tomei posse em primeiro de abril de mil novecentos e noventa e nove, dando início à minha trajetória na educação desse município.

Como o tempo passa rápido! Lembro-me perfeitamente do meu primeiro dia de trabalho na secretaria da escola. Porém, a sala da secretária escolar não ficava dentro da escola, e sim na prefeitura. Era uma sala pequena, onde trabalhávamos apenas a secretária escolar e eu.

Minha primeira atividade foi elaborar um histórico escolar. Desde então, nunca mais parei.

Naquela época, a rede municipal de ensino contava com vinte e duas escolas. Andei por todas elas, levando merenda e material escolar. Foram tempos difíceis. Na maioria das escolas, não havia acesso por estrada, e era necessário caminhar alguns quilômetros para chegar até elas.

Aos poucos, fui tomando gosto pela educação e ampliando meus conhecimentos na área. Cada vez mais tinha certeza de que estava no lugar certo.

No entanto, tinha pouco contato com a docência, pois havia cursado Contabilidade, e não Magistério. Eu, apaixonada por Contabilidade, via-me agora sem poder exercer aquilo com que tanto havia sonhado. Mais uma vez, precisei me adaptar à realidade que me era imposta.

Eu era o “patinho feio” da educação. Enquanto a maioria dos profissionais tinha formação em Magistério, eu era formada em Contabilidade. Porém, não desisti. Fui à luta em busca de qualificação na área da docência. Mas, na minha cidade, não havia a possibilidade de cursar uma graduação nessa área.

No ano de dois mil, com a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), tive a oportunidade de começar a compreender, de fato, como funcionava um sistema educacional.

Todos os municípios precisavam indicar representantes para participar das formações continuadas oferecidas pelo Ministério da Educação (MEC) e pela Secretaria de Estado da Educação do Tocantins (SEDUC).

Quando chegava o momento de indicar os representantes do município, a gestão encontrava dificuldades, pois nem sempre havia recursos para custear diárias, transporte, hospedagem e alimentação dos servidores que participariam das formações.

Por esse motivo, poucos se dispunham a participar. Geralmente, quando o convite era recusado por quem a gestão considerava mais preparado, ele chegava até mim, e eu aceitava.

O desafio, então, era conseguir chegar ao local das formações.

Lembro-me de uma formação em Araguaína, para a qual eu e meu colega, o professor Florisval, viajamos de carona até Guaraí. De lá, seguimos de ônibus para Araguaína. Não conhecíamos a cidade nem tínhamos conhecidos por lá. O dinheiro que levávamos era suficiente apenas para as passagens de ida e volta.

Foi uma semana de muitos constrangimentos. Não tínhamos recursos para uma alimentação adequada no almoço e no jantar, tampouco para o transporte na cidade. Para completar, ficamos hospedados em um hotel, mas não tínhamos dinheiro para pagar a hospedagem. Tivemos que permanecer na recepção enquanto tentávamos entrar em contato com a secretária de Administração da prefeitura para que providenciasse o pagamento e autorizasse nossa saída do hotel.

Esse episódio foi apenas um entre tantos que vivi na busca pelo conhecimento.

Nos anos de dois mil e um e dois mil e dois, a Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS) passou a oferecer cursos telepresenciais na modalidade Normal Superior, com o objetivo de atender à demanda de formação de professores das redes estadual e municipais de ensino. O principal objetivo era qualificar docentes em localidades com dificuldade de acesso ao ensino superior presencial.

Foi então que enxerguei a oportunidade de cursar uma graduação. Não perdi tempo e fiz minha inscrição para o vestibular.

Nem todos os municípios receberam autorização para instalar uma telessala, e Centenário não estava entre eles. A cidade mais próxima contemplada foi Santa Maria do Tocantins.

Assim como eu, outras pessoas de Centenário também se inscreveram para o vestibular. Todas as inscrições foram destinadas à telessala de Santa Maria do Tocantins. Eram quarenta vagas, das quais cinco foram preenchidas por candidatos de Centenário, e eu era uma delas.

Fiquei muito feliz por finalmente ter a oportunidade de estudar. Mas, como em tantos outros momentos da minha vida, logo surgiu um novo desafio.

Como iríamos estudar? E o transporte? Afinal, Centenário fica a sessenta quilômetros de Santa Maria do Tocantins.

Procuramos o prefeito da época, Antônio Gonçalves de Lima (Camilo), e solicitamos um transporte para nos levar até o município de Santa Maria do Tocantins, para que pudéssemos estudar. Prontamente, ele nos cedeu um veículo, mas com uma condição: o combustível ficaria por nossa conta. Aceitamos.

A princípio, éramos quatro estudantes. Depois que alguns candidatos de outros municípios desistiram, mais dois estudantes de Centenário foram convocados.

Antes da segunda chamada, a prefeitura havia cedido um Fiat Uno para o nosso transporte. Apesar da distância e das condições precárias da estrada, o carro era confortável, e as viagens transcorriam relativamente bem.

No entanto, para a alegria de alguns e desconforto de todos, quando ocorreu a segunda chamada e mais dois estudantes de Centenário foram convocados, o Fiat Uno, de duas portas, já não comportava seis passageiros. Naquela época, o município não dispunha de outro veículo fechado que pudesse nos transportar.

E agora?

A única alternativa foi a prefeitura alugar uma Chevrolet D-10 com carroceria de madeira para realizar o transporte dos estudantes. O proprietário do veículo conseguiu dois bancos de carro usados em uma tapeçaria e os instalou, de forma improvisada, na carroceria da caminhonete.

Todos os dias saíamos às dezessete horas e só retornávamos para casa por volta de uma hora da madrugada. Foi assim que concluímos o primeiro período do curso Normal Superior, em dois mil e dois.

Ao término do primeiro período, formamos uma comissão composta por representantes da gestão municipal de Centenário e por uma colega que representava todos os estudantes que cursavam a graduação em Santa Maria do Tocantins. Protocolamos um requerimento junto à EADCON (empresa responsável pela transmissão das teleaulas) e à UNITINS (Universidade Estadual do Tocantins), solicitando a criação de uma telessala em Centenário.

Nossa solicitação foi aceita e, ainda naquele ano, a telessala foi implantada no município. Assim, nós, que estudávamos em Santa Maria do Tocantins, trancamos a matrícula e aguardamos a primeira turma concluir o primeiro período para que pudéssemos ingressar no segundo período da nova turma em Centenário.

A criação dessa telessala representou um marco para a educação de Centenário. Por meio dela, o ensino superior chegou ao município, oportunizando a formação de professores e de futuros docentes da rede de ensino.

Em julho de dois mil e quatro, concluímos a primeira e única turma do curso Normal Superior.

Capítulo 7:

Amor, família e maternidade

Voltarei um pouquinho no tempo, precisamente ao ano de mil novecentos e noventa e sete, para contar como dei início à constituição da minha família.

Em julho de mil novecentos e noventa e sete, durante uma das minhas férias em Centenário — aliás, até hoje nunca passei férias em outro lugar —, comecei a namorar um rapaz da região, José Ferreira de Souza, conhecido como Tundica. Esse apelido foi dado por sua irmã mais velha quando ele ainda era criança, e sua família o chama assim até os dias de hoje.

Na época, ele tinha trinta e seis anos, e eu, dezenove. Para mim, não passava de um namoro casual, sem grandes expectativas de compromisso ou de exclusividade. No entanto, continuamos a nos encontrar quando voltei em definitivo para Centenário, no final de mil novecentos e noventa e sete.

Ele sabia que eu não queria nada sério. Ainda assim, nem ele nem eu nos envolvemos em outro relacionamento. Aos poucos, fomos construindo uma relação baseada no respeito, até que, em nove de junho de dois mil e dois, passamos a morar juntos.

Foi ali que teve início uma trajetória que já dura vinte e três anos.

Temos dois filhos. O primeiro é João Victor, hoje com vinte anos de idade, um jovem sonhador.

Nasceu em quatorze de maio de dois mil e cinco, em um sábado quente, logo após uma sexta-feira treze. Foi um parto muito doloroso — se é que podemos dizer que existe parto que não seja doloroso. O meu, porém, foi demorado. Eu não dilatava, mesmo sentindo dores fortíssimas. Trinta e duas horas depois de entrar em trabalho de parto, fui levada para a sala de cirurgia, onde meu filho nasceu. João Victor nasceu saudável, cresceu forte e mamou até os cinco anos e sete meses. Que saudades daquele tempo!

Aos onze anos de idade, começou a trabalhar como entregador em uma frutaria. Era tão pequenino que suas pernas mal alcançavam os pedais da bicicleta cargueira. Desde então, nunca mais parou de trabalhar. Aos dezessete anos, foi trabalhar em Tangará da Serra, no estado de Mato Grosso.

Tangará da Serra teve sua origem em 1959, a partir de loteamentos na região de Barra do Bugres. Seu nome foi inspirado no pássaro tangará, comum na Serra de Tapirapuã. O município se tornou oficialmente cidade em 13 de maio de 1976 e, atualmente, destaca-se como um importante polo do agronegócio e do turismo no interior do estado de Mato Grosso.

Nesta cidade, com apenas dezessete anos de idade, meu filho tornou-se responsável por si mesmo de forma precoce, antes mesmo de completar a maioridade.

Emociono-me só de lembrar do dia em que o deixei lá. Era uma sexta-feira, seis de janeiro de dois mil e vinte e três. Naquele dia, depois de pechinchar em todos os guichês da rodoviária

de Tangará da Serra, no estado de Mato Grosso, consegui comprar uma passagem pela metade do preço, com destino à cidade de Estreito, no Maranhão.

Após mais de três horas de atraso, chegou um ônibus que mais parecia um coletivo destinado ao transporte de trabalhadores rurais para o corte de cana-de-açúcar. Questionei as condições do veículo, mas não adiantou. Tive que embarcar.

Despedi-me do meu filho e da minha sobrinha, Suellen. Não contive as lágrimas. Com o peito apertado, entrei no ônibus e sentei-me na poltrona 21, junto à janela. Ao meu lado, na poltrona 22, do corredor, estava uma jovem mãe com uma criança de colo.

Olhei pela janela e pude contemplar aqueles olhares me acompanhando enquanto o ônibus se distanciava. Que nostalgia! Quanta dor no peito! Chorei muito. Agora, ao reviver esse momento, ainda me emociono.

Segui viagem, deixando para trás meu filho, com apenas dezessete anos de idade, enfrentando uma nova realidade que as circunstâncias lhe impunham. Enquanto o ônibus percorria as ruas da cidade, eu rogava a Deus que cuidasse dele. Aos poucos, meu coração foi se acalmando, e uma sensação boa tomou conta de mim.

Somente então pude observar as reais condições do ônibus. O estado de conservação não era bom. Não havia ar-condicionado; as janelas permaneciam abertas, cobertas apenas por cortinas verdes; havia fiação elétrica exposta, com tomadas para carregar celulares; o veículo não possuía banheiro e estava completamente lotado, sem nenhuma poltrona desocupada.

Havia algumas crianças que passavam de uma poltrona para outra. Algumas choravam por causa do calor; outras apenas queriam se divertir. Jovens conversavam sobre o trabalho que haviam deixado para trás. Homens e mulheres contavam que haviam saído do Maranhão em busca de melhores condições de vida em Mato Grosso, mas que as coisas não deram certo e, agora, retornavam à terra natal para recomeçar.

Já eram quase dezoito horas. Não sei dizer se seguíamos por uma rodovia estadual ou federal. O trânsito era tranquilo, com poucos veículos. De repente, ouviu-se um forte estouro: um dos pneus do ônibus havia estourado. Ficamos assustados, mas o motorista conseguiu controlar o veículo sem maiores transtornos.

Apesar das condições precárias, foi uma viagem agradável. Pude contemplar o brilho do luar sobre as serras da Chapada dos Guimarães e sentir o vento frio que entrava pelas janelas do ônibus. Depois de mais de trinta e seis horas de viagem, cheguei ao meu destino, Guaraí, no Tocantins. Fui a última passageira a embarcar naquele ônibus e a primeira a desembarcar. Todos os demais passageiros seguiam viagem rumo ao Maranhão.

Capítulo 8:

Os desafios da gestão pública

No ano de dois mil e cinco, após concluir o ensino superior, fui convidada pelo prefeito da época para trabalhar na secretaria escolar da Escola Municipal Gustavo Costa. Permaneci nessa função por quase três anos.

Ao final de dois mil e sete, fui convidada a assumir a direção da unidade escolar. Aceitei o convite. Estávamos realizando uma boa gestão, mesmo diante das dificuldades financeiras e dos entraves políticos.

Em dois mil e oito, ano de eleições municipais, período em que os ânimos ficam à flor da pele, especialmente em cidades pequenas, onde todos se conhecem, ainda eram frequentes os insultos, as afrontas e a falta de respeito por parte de eleitores e de alguns atores políticos, que não conseguiam enxergar aquele momento como um exercício democrático pautado no diálogo e no respeito.

Foi nesse cenário de conflitos durante a campanha eleitoral de dois mil e oito que vivi um dos episódios mais marcantes da minha vida. Como em tantos outros momentos da minha trajetória, nada foi fácil.

Antes, porém, preciso contextualizar um pouco essa história para que ela seja melhor compreendida.

Como citei anteriormente, eu era diretora escolar. Naquela época, faltavam materiais básicos de apoio pedagógico, tanto para os professores quanto para os alunos: lápis, borrachas, cadernos. Computadores eram praticamente inexistentes, e internet, muito menos.

Como diretora, eu precisava encontrar maneiras de manter uma escola com aproximadamente trezentos e cinquenta alunos funcionando, mesmo sem os recursos mínimos necessários.

Hoje, com a experiência que adquiri, talvez eu não tomasse a mesma decisão. Diante da escassez de materiais, eu e a coordenadora pedagógica montamos kits contendo lápis, borracha, apontador, tesoura e lápis de cor para que cada professor levasse para a sala de aula. Como a quantidade de materiais era insuficiente para atender individualmente todos os alunos, esses kits eram de uso coletivo durante as aulas e, ao final de cada turno, eram recolhidos pelos professores.

Entre os materiais disponíveis, a borracha era o item em menor quantidade. Para conseguir montar todos os kits, cortei cada borracha ao meio. Como estávamos em período de campanha eleitoral, essa iniciativa acabou se tornando um prato cheio para que a oposição dirigisse duras críticas à administração municipal.

Por sua vez, a gestão, para se eximir da responsabilidade pela falta de materiais, atribuiu o problema à minha suposta incapacidade de administrar a escola. No entanto, eu não tinha acesso a nenhum recurso financeiro, pois a escola ainda não era contemplada pelo Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE).

No dia 31 de agosto de 2008, em uma manhã de domingo, por volta das dez horas, durante um comício promovido pela coligação da gestão atual daquela época, uma professora, que também era vereadora, fez duras críticas à minha gestão, responsabilizando-me pela falta de materiais na escola e alegando que aquela situação existia por falta de competência da direção escolar.

Na manhã de segunda-feira, 1º de setembro, ainda magoada com as críticas que havia recebido, realizei uma reunião de fluxo com a equipe para apresentar as necessidades da unidade escolar e expor as dificuldades de trabalhar sem o mínimo necessário, além de ser responsabilizada publicamente por uma situação sobre a qual eu não tinha qualquer autonomia financeira.

Após minha fala, a minha colega e professora que havia feito as críticas levantou-se e começou a me ofender com palavrões, que não vale a pena reproduzir aqui. Em seguida, tentou me agredir fisicamente, mas foi contida por duas colegas, que impediram a agressão. Foi um momento de muita tensão, que abalou todos os presentes.

Mas a situação não terminou ali. Para tentar me acalmar, saí da escola e fui caminhar pelas ruas. Nesse período, minha irmã Edmê, que trabalhava como agente de saúde, fazia visitas a uma família que morava próximo à escola e ficou sabendo do ocorrido. Sem pensar duas vezes, entrou na unidade escolar, dirigiu-se até a sala de aula da referida professora e a chamou para uma briga. Houve troca de insultos e ofensas.

Nesse momento, praticamente toda a cidade já sabia o que estava acontecendo. Eu continuava caminhando pelas ruas porque não queria que ninguém me visse chorando, principalmente minha família.

Depois de conseguir me recompor um pouco, voltei para a escola. Quando cheguei ao portão principal, encontrei minha irmã saindo. Perguntei o que ela estava fazendo ali. Ela respondeu:

— O teu sangue corre nas minhas veias. Eu não ia permitir que te afrontassem daquele jeito.

Naquele momento, eu ainda não sabia o que havia acontecido entre ela e a professora.

Entreí na escola e fui para minha sala. Quase imediatamente ouvi gritos vindos do lado de fora do muro:

— Passa aqui para fora, vagabunda, que vou te ensinar a bater na minha mulher!

Olhei pela janela e vi o marido da professora entrando pelo pequeno portão que dava acesso direto à sala da direção.

Em poucos segundos, ele já estava à porta da minha sala, gritando:

— Vem bater em mim, vagabunda, como você bateu na minha mulher!

A sala da direção era muito pequena, com aproximadamente três metros quadrados. Eu estava sentada atrás da mesa, próxima à parede do fundo. Levantei-me enquanto ele continuava me ameaçando. Assim que fiquei de pé, ele veio em minha direção e, com as duas mãos, empurrou-me com força. Caí sobre a cadeira que estava logo atrás de mim.

Durante todo aquele tempo, eu ainda não compreendia por que ele dizia que eu havia agredido sua esposa.

Quando consegui me levantar, já havia várias pessoas do lado de fora da sala e outras do lado de fora do muro, gritando e mandando que eu saísse para que “me ensinassem” a bater em alguém.

Confesso que não senti medo naquele momento. Pensei apenas em chamar a polícia, pois estava sendo ameaçada dentro do meu local de trabalho. Peguei o telefone — na época ainda era um aparelho fixo — e comecei a discar. Foi então que olhei pela janela e vi os policiais entrando pelo portão da escola.

Coloquei o telefone no gancho e fui ao encontro dos policiais. Quando tentei explicar o que estava acontecendo, um deles mandou que eu me calasse:

— Se não quiser ser presa, fique quieta. Aqui você não é vítima, é acusada de desacato à autoridade.

A professora que havia dado início a toda aquela confusão era vereadora, e, por isso, alegavam que eu havia cometido desacato à autoridade.

Ainda tentei argumentar que, se havia alguma autoridade ali, naquele momento era eu, na condição de diretora da escola. Mas não adiantou. Mandaram-me calar a boca.

Não me restou outra alternativa senão permanecer em silêncio e torcer para não ser presa.

Confesso que não me lembro com clareza do restante daquela manhã de 1º de setembro de 2008.

No dia 3 de setembro, fui convocada para prestar depoimento na Delegacia de Polícia de Pedro Afonso, Tocantins. O depoimento foi conduzido de forma truculenta. Por várias vezes, o escrivão tentou me induzir a dizer coisas que, mesmo de maneira sutil, poderiam me autoincriminar. Mas resisti.

Em 20 de novembro daquele mesmo ano, aconteceu a audiência no Fórum de Itacajá. Quero aproveitar este momento para agradecer às pessoas que estiveram ao meu lado naquele momento: meus pais, meus irmãos, meu esposo, meus sobrinhos Kayo, Dudu e Duda e meu filho, que ainda era um bebê, mas que, de alguma forma, também sentia a minha aflição por estar sendo acusada de um crime que não cometi.

Agradeço também à professora Evandia e ao professor Wagno, que me acompanharam até o fórum, oferecendo apoio moral, e ao meu tio Manoel Galvão, que nos levou de carro até Itacajá. Minha eterna gratidão pela vida de todos vocês.

No dia 20 de novembro de 2008, a audiência estava marcada para a parte da tarde. Saímos pela manhã. O dia estava chuvoso, e viajamos em uma caminhonete Chevrolet D10, com carroceria de madeira aberta. Para nos proteger da chuva, seguimos embrulhados em plásticos durante todo o percurso. Graças a Deus, chegamos a tempo.

Eu não tinha advogado, mas confesso que não estava muito nervosa. Já estava preparada para ouvir qualquer que fosse a decisão do juiz. Ainda assim, precisei contratar um advogado de última hora.

Às 14 horas, fomos chamados para entrar na sala de audiência. Era uma sala pequena, considerando a importância daquele momento. Estavam presentes o juiz, eu, a pessoa que havia me acusado do crime de desacato à autoridade, o advogado dela e o meu advogado.

Mas, para minha surpresa, minha acusadora retirou a queixa, pediu-me perdão e o processo foi encerrado ali mesmo.

O ano de 2009 transcorreu de forma tranquila. Fui lotada como assistente administrativa na Escola de Educação Infantil, onde desempenhei minhas funções com dedicação e fui tratada com respeito durante todo o período em que ali trabalhei.

Em 2010, o gestor da época realizou um concurso público para o quadro geral do município. Era a minha oportunidade de ingressar na área de que eu tanto gostava: a docência. Fiz o concurso e fui aprovada. No entanto, não fiquei entre os primeiros colocados e só tomei posse no final da vigência do concurso, em julho de 2013.

Durante esse período de espera para tomar posse no concurso, vivi uma experiência extraordinária em uma atividade que, até hoje, foi a minha única atuação profissional fora da educação.

Capítulo 9:

A educação como missão

O ano de 2010 também marcou a realização do Censo Demográfico, promovido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Tudo começou quando fui aos Correios de Centenário e vi, no mural, o edital do processo seletivo. Naquele momento, senti vontade de me inscrever.

Havia uma vaga para Coordenador de Recenseamento e duas para recenseador. Inscrevi-me para a coordenação. Ao todo, eram vinte e sete candidatos. Fui aprovada em primeiro lugar, com mais de dez pontos de vantagem sobre o segundo colocado.

Mas, como já contei anteriormente, para conquistar alguma coisa na minha vida sempre precisei enfrentar muitos obstáculos, com esforço e superação.

Não li o edital por completo e não percebi que, por ser servidora concursada no cargo de assistente administrativa, eu não poderia assumir um cargo temporário no Censo Demográfico do IBGE, em razão da vedação constitucional ao acúmulo remunerado de cargos públicos. O candidato classificado em segundo lugar questionou minha nomeação.

Como eu tinha muita vontade de trabalhar no recenseamento, solicitei uma licença para tratar de interesses particulares, acreditando que isso resolveria a situação. No entanto, eu também desconhecia que, mesmo licenciada, continuava impedida de assumir aquele cargo.

Ainda assim, fui até a cidade de Colinas do Tocantins, tomei posse e participei dos treinamentos preparatórios para o início do recenseamento. Para mim, naquele momento, estava tudo certo.

Vou fazer uma pausa na cronologia para contar um pouco dessa experiência.

Depois que todos os coordenadores participaram do treinamento macro, realizado na cidade de Guaraí, coube a nós capacitar os recenseadores em polos definidos pela coordenação geral. Fui designada, juntamente com o coordenador do município de Recursolândia, para integrar a equipe da coordenadora de Santa Maria na formação dos recenseadores.

Foi nesse período que tive a oportunidade de conhecer pessoas que marcaram minha vida.

Lucidalva, que me acolheu em sua casa e, anos depois, tornou-se minha colega de trabalho quando ambas exercemos o cargo de secretária municipal de educação em nossos respectivos municípios.

Também conheci Mário Neto, um jovem sonhador que dizia querer ser médico e que, anos depois, realizou esse sonho.

Mas há uma pessoa que desejo mencionar de forma especial. Não citarei seu nome para preservar sua identidade.

Era um jovem entre dezoito e vinte e um anos, muito tímido, disperso e que se considerava incapaz. Durante aquela semana de formação, trabalhamos não apenas os conteúdos técnicos, mas também aspectos motivacionais. Ao final do curso, ele foi aprovado.

Quinze anos depois, tive a oportunidade de reencontrá-lo durante um seminário de boas práticas de alfabetização da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, do qual eu participava como secretária municipal de educação.

Ele aproximou-se de mim e perguntou:

— Secretária, a senhora se lembra de mim?

Olhei atentamente. Disse que sim, embora, naquele instante, ainda estivesse tentando recordar de onde o conhecia.

Então ele continuou:

— Secretária, foi muito bom reencontrar a senhora. Aquela semana de formação mudou a minha vida. As palavras da senhora me fizeram refletir e mudar muitas coisas. Desde então, fui vereador por dois mandatos, tornei-me professor e hoje exerço a função de diretor escolar.

Fiquei profundamente emocionada. Saber que, de alguma forma, pude contribuir para transformar a vida de alguém foi uma das maiores recompensas que já recebi.

É com essa mesma garra e esse propósito que continuo trabalhando todos os dias: acreditando que a educação tem o poder de transformar vidas e esperando, sempre, fazer a diferença na vida de mais alguém.

Depois de concluídos todos os treinamentos e com os recenseadores aprovados, deu-se início à coleta de dados. Era o mês de novembro. O município de Centenário já havia concluído a coleta, porém foi selecionado para uma conferência dos dados, razão pela qual o recenseamento ainda não havia sido encerrado.

Foi nesse período que fui informada de que precisava me afastar imediatamente do cargo devido ao acúmulo de cargos públicos e de que seria ouvida pela Polícia Federal.

Levei um grande choque. Somente naquele momento, depois que meu coordenador me explicou toda a situação, compreendi a gravidade do que estava acontecendo. Eu poderia ser obrigada a devolver os valores recebidos e, pior ainda, corria o risco de perder o cargo para o qual havia sido aprovada em concurso público.

Fiquei muito abalada. Ao mesmo tempo, entreguei tudo nas mãos de Deus, acreditando que, se fosse da Sua vontade, aquela situação teria um desfecho favorável.

Não me lembro exatamente em que mês aconteceu, apenas sei que não demorou muito para eu ser intimada a prestar depoimento na Polícia Federal. Após ouvir meu relato, o policial responsável pelo interrogatório disse que, provavelmente, o caso não teria maiores consequências.

Dessa experiência tirei uma grande lição: devemos respeitar as leis e, quando não conhecemos nossos direitos e deveres, temos a obrigação de buscar informação.

Entre 2011 e 2012, não ocorreram fatos marcantes que mereçam destaque.

Em 2013, assumi, pela primeira vez, a Secretaria Municipal de Educação. Foram quatro anos de muito aprendizado. Enfrentamos inúmeros desafios e, embora tenhamos conquistado avanços importantes na organização da rede de ensino, reconheço que ainda avançamos pouco no que diz respeito à qualidade da aprendizagem.

Em 2014, nove anos após o nascimento do meu primeiro filho, João Victor, nasceu minha caçula, Izabela.

Meus filhos são os maiores presentes que Deus me concedeu.

João Victor já mora sozinho e enfrenta, com coragem, os desafios que a vida lhe apresenta.

Izabela, por sua vez, é uma menina sonhadora, e acima de tudo, minha amiga e confidente.

Amo vocês, meus filhos.

Entre janeiro de 2021 e janeiro de 2026, mais uma vez estive à frente da Secretaria de Educação. Desta vez, realizamos um trabalho significativo. Implantamos o Sistema Municipal de Educação, adquirimos bens e melhoramos os nossos índices. Até o momento, considero esse período a melhor fase da minha carreira profissional.

Considerações finais

Hoje, ao revisitar as memórias de mais de quatro décadas, compreendo que a vida é, acima de tudo, uma superação diária de nós mesmos para a construção de um “eu” mais forte. A menina que outrora chorava escondida por não ter um sapato que lhe servisse ou por ser humilhada na busca por emprego transformou-se na mulher que encontrou na educação a sua verdadeira missão e paixão.

Minha trajetória, marcada por partidas e retornos; pelo “patinho feio” que se especializou em Contabilidade, Normal Superior e Psicopedagogia e que hoje é graduanda em Administração Pública; e pela mãe que vê nos filhos, João Victor e Izabela, seu maior tesouro, é a prova de que a resiliência não se adquire; ela simplesmente é.

Ser professora da educação básica e poder impactar positivamente na vida de crianças e jovens, assim como um dia fui impactada por meus professores, é o desfecho de um ciclo de lutas e o início de um legado de serviço.

Concluo este relato com a certeza de que a estrada, embora por vezes solitária e dura, vale a pena quando mantemos a coragem de ser quem somos, independentemente do que possuímos. Afinal, a vida dura apenas o instante que se vive, e o que realmente importa é a diferença que fazemos ao longo do caminho.

E, ainda assim, não foi naquela madrugada que tudo mudou. Nada em mim se tornou perfeito ao amanhecer. Nenhuma resposta desceu pronta, ne-nhum peso desapareceu por completo. Eu ainda era a mesma — com as mesmas falhas, os mesmos medos, as mesmas limitações.

Mas algo, quase imperceptível, começou a se deslocar dentro de mim.

Pela primeira vez, parei de lutar para parecer suficiente — e comecei a admitir, com honestidade, que não sou. E, estranhamente, foi nesse reconhecimento que encontrei um tipo diferente de força. Não a força de quem acerta sempre, mas a de quem continua, mesmo sabendo que vai falhar.

Lembrei-me novamente de Sócrates — e percebi que talvez o “não saber” não fosse um vazio, mas um começo. Um espaço onde algo novo pode nascer.

E quanto às palavras das Escrituras, que antes me acusavam, começaram a ganhar outro sentido: talvez elas não estejam ali para me condenar, mas para me lembrar que essa luta é humana — e que eu não estou sozinha nela.

Naquela manhã, entendi que superação não é se tornar impecável.

É permanecer. É recomeçar, mesmo consciente das próprias falhas.

É escolher, todos os dias, dar um passo na direção daquilo que se acredita — ainda que pequeno, ainda que imperfeito.

Eu não me tornei a melhor versão de mim mesma de uma vez.

Mas levantei.

E, dessa vez, isso foi suficiente para continuar.

REALIZAÇÃO:



ACESSE NOSSO CATÁLOGO!



WWW.SEVENPUBLI.COM

CONECTANDO O **PESQUISADOR** E A **CIÊNCIA** EM UM SÓ CLIQUE.